

Stephany Martins Melo dos Santos

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO SUPERVISIONADO:
CLÍNICA MÉDICA DE PEQUENOS ANIMAIS E OFTALMOLOGIA
VETERINÁRIA**

Curitibanos

2018



Stephany Martins Melo dos Santos

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO SUPERVISIONADO:
CLÍNICA DE PEQUENOS ANIMAIS E OFTALMOLOGIA VETERINÁRIA**

Relatório de Estágio Curricular Obrigatório do
Curso de Graduação em Medicina Veterinária do
Centro de Ciências Rurais da Universidade Federal
de Santa Catarina como requisito para obtenção do
Título de Bacharel em Medicina Veterinária.

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Vanessa Sasso Padilha
Supervisor: M. V. Emílio Fernandes Rodrigues
Júnior

Curitibanos

2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Dos Santos, Stephany Martins Melo
Relatório de estágio curricular obrigatório
supervisionado : Clínica médica de pequenos animais e
oftalmologia veterinária / Stephany Martins Melo Dos
Santos ; orientador, Vanessa Sasso Padilha , 2018.
47 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Campus
Curitibanos, Graduação em Medicina Veterinária,
Curitibanos, 2018.

Inclui referências.

1. Medicina Veterinária. 2. Clínica médica de pequenos
animais. 3. Relatório de estágio curricular. 4.
Oftalmologia veterinária. I. Sasso Padilha , Vanessa . II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em
Medicina Veterinária. III. Título.

Stephany Martins Melo dos Santos

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO SUPERVISIONADO:
CLÍNICA MÉDICA DE PEQUENOS ANIMAIS E OFTALMOLOGIA
VETERINÁRIA**

Este Relatório de Estágio Curricular Obrigatório foi julgado adequado para obtenção do Título de Bacharel em Medicina Veterinária e aprovado em sua forma final pela seguinte banca:

Curitiba, 28 de novembro de 2018.

Prof. Dr. Alexandre de Oliveira Tavela
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Vanessa Sasso Padilha.
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Dr.^a Marcy Lancia Pereira
Avaliadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Daniel Vargas
Avaliador
Universidade Federal de Santa Catarina

Este trabalho é dedicado aos meus pais, avós, irmãos e, à minha filha de quatro patas, Tieta. Obrigada por me apoiarem e tornarem possível esta longa, bonita e árdua jornada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais Oreste e Kelly por me propiciarem chegar onde estou. Meu pai, que me proporcionou educação de qualidade e incentivou-me a seguir a carreira de médica veterinária, como também, foi a pessoa que tornou possível a concretização deste sonho.

A minha mãe, que sempre esteve ao meu lado nos momentos mais difíceis e me forneceu o apoio necessário para seguir em frente, com seus sábios conselhos, dedicação, e amor materno.

Aos meus avós e segundos pais, Zélia e Edemir, que sempre tiveram participação efetiva em minha vida e em minha formação. Que me visitavam regularmente em Curitiba, trazendo alimento, amor e companhia. Agradeço também, aos meus amados irmãos Brenda e João Oreste, por me fazerem mais feliz e completa, mesmo nos momentos mais delicados. A minha avó Ruth, que com seu carinho e bênçãos contribuiu para minha chegada até aqui. A todos os demais membros de minha família, sou grata ao apoio fornecido e palavras de incentivo.

As minhas amigas amadas de infância, em especial, Fernanda e Laura, obrigada por serem meu refúgio e por todas as palavras encorajadoras. As minhas lindas amigas companheiras de curso, agradeço pelo apoio emocional, trocas de conhecimento e momentos únicos. Sem vocês teria sido muito mais difícil.

Agradeço também, a todos os professores que contribuíram para minha formação como médica veterinária, tenho muito orgulho de tê-los tido como mestres. Em especial, a professora Marcy, que sempre me estendeu a mão e contribuiu tanto para o meu conhecimento e amor pela clínica médica de pequenos animais. Me inspiras.

A minha querida e excelente mestre e orientadora Vanessa Sasso Padilha, agradeço pelo apoio, conselhos, companheirismo e por contribuir tanto para minha formação, você é um exemplo de pessoa e profissional.

Agradecimentos também vão aos médicos veterinários Emílio Rodrigues e Maria Alice Eidt, além, dos demais componentes da Clínica ProntoVet Obrigada pela oportunidade incrível fornecida e ensinamentos compartilhados.

Por fim, agradeço a minha filha canina, Tieta, por todo seu amor, paciência e companheirismo. Aquela que me acompanhou nesta jornada, sempre me propiciando aconchego, incentivo e tornando possível viver longe de casa.



*“Antes de ter amado um animal,
parte da nossa alma permanece
desacordada”.*

Anatole France

RESUMO

O presente relatório tem como objetivo descrever as atividades desempenhadas e acompanhadas durante o Estágio Curricular Supervisionado em Medicina Veterinária na área de Clínica Médica de Pequenos Animais e Oftalmologia Veterinária. O estágio sucedeu-se na Clínica Médica ProntoVet em Florianópolis- Santa Catarina no período de 01 de agosto de 2018 a 23 de outubro de 2018, contabilizando-se 472 horas. Ocorreu sobre a orientação da Profª. Drª. Vanessa Sasso Padilha e os afazeres exercidos na clínica foram supervisionados pelo Médico Veterinário Emílio Rodrigues Fernandes Júnior.

Palavras-chave: Estágio, oftalmologia veterinária, clínica médica de pequenos animais.

ABSTRACT

The purpose of this report is to describe the performed and monitored activities during the Supervised Veterinary Medicine Internship in the area of Small Animal Clinics and Veterinary Ophthalmology. The internship took place at the ProntoVet Clínica Veterinária in Florianópolis - Santa Catarina from August 1st, 2018 to October 23rd, 2018, counting 472 hours. It occurred under the orientation of the PhD teacher Vanessa Sasso Padilha and the performed duties in the clinic were supervised by the Veterinary Doctor Emílio Rodrigues Fernandes Júnior.

Keywords: Internship, veterinary ophthalmology, small animals clinic.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Fachada da clínica veterinária ProntoVet. Florianópolis – 2018.....	17
Figura 2 - Ambiente destinado aos atendimentos de Clínica Geral e especialidades. Florianópolis – 2018.....	18
Figura 3 - Fichas de atendimento oftálmicas. Florianópolis – 2018.	19
Figura 4 - Ambulatório destinados aos atendimentos de oftalmologia e exames ultrassonográficos. Florianópolis – 2018.	19
Figura 5 - Lâmpada de fenda mão, modelo Kowa SL 15L. Florianópolis – 2018.....	20
Figura 6 - Tiras do teste de Schirmer® e de Fluoresceína. Florianópolis – 2018.....	20
Figura 7 - Boxes de internamento de cães e gatos da clínica veterinária ProntoVet. Florianópolis – 2018.....	21
Figura 8 - Sala de esterilização. Florianópolis – 2018.	22
Figura 9 - Centro cirúrgico de procedimentos oftalmológicos e para tecidos moles. Florianópolis – 2018.....	22
Figura 10 - Raças braquicefálicas atendidas na especialidade de oftalmologia. Florianópolis.	30

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Percentual de atendimentos acompanhados durante o período de estágio na clínica ProntoVet, de acordo com a queixa principal relatada, divididos por sistema/especialidade e espécies canina e felina. Florianópolis – 2018.	26
Tabela 2 - Afeções acompanhadas e diagnosticadas durante o estágio na clínica ProntoVet, divididas em caninas e felinas e por sistema/especialidade definido. Florianópolis – 2018....	27
Tabela 3 - Número e percentual de afeções oftalmológicas diagnosticadas e acompanhadas durante o período de estágio na clínica veterinária ProntoVet, separas por espécies, canina e felina. Florianópolis – 2018.....	29
Tabela 4 - Número de cães diagnosticados com afeções oftálmicas de acordo com a raça e formato cranial. Florianópolis – 2018.	30
Tabela 5 - Afeções gastrointestinais acompanhadas e diagnosticadas durante o estágio na ProntoVet, referente ao número e percentual das espécies canina e felina. Florianópolis – 2018.....	35
Tabela 6 - Número e percentual de afeções oncológicas diagnosticadas e acomanhadas durante o período de estágio na clínica ProntoVet, separadas por canina e felina. Florianópolis – 2018.....	36
Tabela 7 - Número e percentual de afeções musculoesqueléticas diagnosticadas, acompanhadas durante o período de estágio na ProntoVet, separadas em canina e felina. Florianópolis – 2018.....	38
Tabela 8 - Ocorrência de afeções acompanhadas e diagnosticadas durante o estágio realizado na ProntoVet, divididas em canina e felina. Florianópolis – 2018.....	39
Tabela 9 - Número e percentual de caninos e felino diagnosticados com afeções genitourinárias, acompanhados durante o estágio na clínica ProntoVet. Florianópolis – 2018.	40
Tabela 10 - Ocorrência de afeções em cães e gatos no sistema nervoso diagnosticadas e acompanhadas durante o estágio na ProntoVet. Florianópolis – 2018.....	41
Tabela 11 - Número e percentual de afeções do sistema endócrino diagnosticadas e acompanhadas durante o período de estágio na Clínica Veterinária ProntoVet, separadas por espécie. Florianópolis – 2018.....	44

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABINPET – Associação Brasileira da Indústria de Produtos para Animais de Estimação

AIE – Anti-inflamatório esteroideal

AINE – Anti-inflamatório não esteroideal

BID – Duas vezes ao dia

CCS - Ceratoconjuntivite seca

DRC – Doença renal crônica

IV – Intravenoso

IM – Intramuscular

QID – Quatro vezes ao dia

SC – Subcutâneo

SID – Uma vez ao dia

SRD – Sem raça definida

TID – Três vezes ao dia

UI – Unidades Internacionais

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	DESCRIÇÃO DO LOCAL.....	17
2.1	DESCRIÇÃO DO LOCAL DE ESTÁGIO.....	17
2.2	RECEPÇÃO, SALA DE ESPERA E SECRETARIA	17
2.3	AMBULATÓRIOS	18
2.4	INTERNAÇÃO	21
2.5	ESTERILIZAÇÃO	21
2.6	BLOCOS CIRÚRGICOS	22
3	ATIVIDADES REALIZADAS.....	23
3.1	FUNCIONAMENTO DA CLÍNICA PRONTOVET	23
4	CASUÍSTICA	26
4.1	OFTALMOLOGIA	27
4.2	SISTEMA GASTROINTESTINAL	33
4.3	ONCOLOGIA	35
4.4	SISTEMA MUSCULOESQUELÉTICO	37
4.5	SISTEMA TEGUMENTAR	38
4.6	SISTEMA GENITOURINÁRIO	40
4.7	SISTEMA NERVOSO	41
4.8	SISTEMA RESPIRATÓRIO	43
4.9	SISTEMA ENDÓCRINO	43
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
6	CONCLUSÃO	46
	REFERÊNCIAS	47

1 INTRODUÇÃO

O Brasil possui atualmente, a quarta maior população total em animais de estimação do mundo, sendo que, é o terceiro país que mais lucra com o setor Pet, gerando, em 2017, R\$ 20,3 bilhões (ABINPET, 2017).

Fatores contribuintes para tal feito, consistem com a ruptura do modelo de família tradicional, onde família constituída de filhos deixou de ser predominante no Brasil e, os animais domésticos ganharam muito espaço e importância, tendo-se hoje mais cães do que crianças nos lares brasileiros (BERMUDES, 2016). Para atender esta crescente demanda, são essenciais avanços na medicina veterinária, com melhor preparo e qualidade do médico veterinário que será inserido no mercado de trabalho.

O estágio curricular obrigatório é realizado na área de preferência de atuação do discente, consistindo-se em uma importante etapa para a conclusão do curso de graduação em Medicina Veterinária na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). De forma supervisionada, tem como objetivo, propiciar ao acadêmico a vivenciar de forma prática, todo o conhecimento e técnica assimilados durante a graduação.

A clínica médica de pequenos animais compreende o alicerce para todo médico veterinário que irá atuar com animais de companhia. É imprescindível ter conhecimentos sólidos na área para entender a fisiologia, anatomia e corretamente diagnosticar e tratar o paciente. A especialização do médico veterinário de pequenos animais torna-se um complemento em clínica médica.

A especialidade de Oftalmologia Veterinária, com a crescente inserção e importância dos animais de estimação na constituição da família, bem como, o aumento da expectativa de suas vidas, vem se desenvolvendo continuamente, inserindo-se de forma indispensável para a melhoria da qualidade de vida dos animais. O paciente portador de oftalmopatias necessita de medidas interventivas mediatas e apropriadas, com objetivos de reduzir a dor, impedir automutilação, controlar pressão intraocular, combater infecções e preservar seu grau visual (REVISTA VETERINÁRIA, 2012).

Por conseguinte, o estágio obrigatório realizou-se na clínica veterinária ProntoVet em Florianópolis, Santa Catarina, entre os períodos de 01 de agosto a 23 de outubro de 2018, abrangendo os setores de Clínica Médica de Pequenos Animais e Oftalmologia Veterinária. Sob a supervisão do M.V. Emilio Fernandes Rodrigues Junior, foram realizadas as discussões e atividades práticas, diariamente das 8 da manhã as 18 da tarde, totalizando 472 horas de estágio.

Este relatório tem como propósito, demonstrar a rotina dos setores de clínica médica de pequenos animais e oftalmologia veterinária na clínica ProntoVet, bem como, descrever atividades desenvolvidas, estrutura apresentada, casuística obtida e, evidenciar a importância das oftalmopatias nos animais domésticos.

2 DESCRIÇÃO DO LOCAL

2.1 DESCRIÇÃO DO LOCAL DE ESTÁGIO

A clínica veterinária ProntoVet (Figura 1) atua desde 1993 em Florianópolis, Santa Catarina, oferecendo desde a parte estética até o tratamento clínico especializado, dispondo prestação de serviços na área de clínica médica de pequenos animais, oftalmologia veterinária e cirurgias. Fornece também, atendimento de serviço volante via solicitação, nas especialidades de odontologia, neurologia, ortopedia, oncologia, radiologia, anestesiologia e cardiologia.

Figura 1 - Fachada da clínica veterinária ProntoVet. Florianópolis – 2018.



Fonte: Arquivo pessoal.

A ProntoVet é dividida nos setores de clínica médica, cirurgia e serviços de suporte para as atividades hospitalares, como sala de esterilização e lavanderia. A estrutura física para atendimento dos animais domésticos, compreende-se de recepção, sala de espera, dois ambulatorios, setor de internamento e dois centros cirúrgicos, com área de paramentação e antissepsia, na medida que, um era destinado para cirurgias de tecidos moles e oftálmicas.

2.2 RECEPÇÃO, SALA DE ESPERA E SECRETARIA

A recepção, sala de espera e secretaria não possuem divisão física entre si, sendo destinados aos tutores e pacientes a espera de atendimento, bem como, possuía integrado serviço de Farmácia. O espaço conta com climatização, produtos de Pet Shop à venda, televisão e cadeiras para espera.

2.3 AMBULATÓRIOS

A ProntoVet possui dois ambulatorios destinados ao atendimento clínico de pequenos animais, sendo um destinado ao atendimento de clínica geral e variadas especialidades, e o outro, atribuído aos atendimentos de oftalmologia veterinária e ultrassonografia.

O ambulatório destinado ao atendimento de clínica geral (Figura 2) possui medicamentos injetáveis como anti-inflamatórios, antibióticos e analgésicos para aplicação. E ainda, é munido de microscópio para eventuais e mediatas análises clínicas e, freezer contendo injetáveis, como por exemplo, as vacinas anuais de cães e gatos, além de, insulina.

Para as consultas de oftalmologia há fichas de atendimento específicas (Figura 3), sendo que, a sala para consultas oftálmicas e exames de ultrassonografia (Figura 4) possui espaço amplo, com aparelhos especializados para avaliações oculares (Figura 5), como também, é munido de testes para diagnóstico de possíveis enfermidades acometendo o globo ocular, como o teste de Schirmer® (Figura 6), o qual avalia a produção lacrimal, e teste de fluoresceína.

Figura 2 - Ambiente destinado aos atendimentos de Clínica Geral e especialidades. Florianópolis – 2018.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 3 - Fichas de atendimento oftálmicas. Florianópolis – 2018.

Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 4 - Ambulatório destinados aos atendimentos de oftalmologia e exames ultrassonográficos. Florianópolis – 2018.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 5 - Lâmpada de fenda mão, modelo Kowa SL 15L. Florianópolis – 2018.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 6 - Tiras do teste de Schirmer® e de Fluoresceína. Florianópolis – 2018.



Fonte: Arquivo pessoal.

2.4 INTERNAÇÃO

O ambiente disponível para a internação continha 30 boxes (Figura 7), sendo dois deles de amplo espaço para abrigar cães de porte grande a gigante e/ou animais que iriam passar mais tempo internados. No local de internamento não havia distinção entre cães e gatos e nem fichas de identificação dos animais, visto que, grande parcela dos pacientes, não necessitavam ser internados ou, na maioria das vezes, ficavam por curto período de tempo para recuperação pós cirúrgica.

Figura 7 - Boxes de internamento de cães e gatos da clínica veterinária ProntoVet. Florianópolis – 2018.



Fonte: Arquivo pessoal.

2.5 ESTERILIZAÇÃO

A sala de esterilização (Figura 8) dispunha de uma autoclave, do tipo Cristofoli Vitale, com capacidade máxima de 21 litros, com finalidade de uso para esterilizar instrumentos e utensílios cirúrgicos.

Figura 8 - Sala de esterilização. Florianópolis – 2018.



Fonte: Arquivo pessoal.

2.6 BLOCOS CIRÚRGICOS

Na clínica há dois centros cirúrgicos, onde, no piso inferior encontra-se o destinado para cirurgias oftálmicas e de tecidos moles, qual demonstrado pela figura 9, destacando um armário medicamentoso (à direita da Figura 9), microscópio cirúrgico veterinário, aparelho de anestesia inalatória e colchão térmico. No segundo andar, possui centro cirúrgico destinado a procedimentos odontológicos.

Figura 9 - Centro cirúrgico de procedimentos oftalmológicos e para tecidos moles. Florianópolis – 2018.



Fonte: Arquivo pessoal.

3 ATIVIDADES REALIZADAS

A Médica Veterinária Maria Alice Eidt era a responsável por recepcionar o estagiário em seu primeiro dia de atuação, e tinha como procedimento padrão, apresentar toda a estrutura do local e demonstrar os deveres e as tarefas a serem desenvolvidas. Foi-se instruído a sempre portar jaleco, manter a pontualidade, postura e a dar prioridade para as perguntas somente após a consulta ser finalizada. Ficou claro também, que o estagiário teria liberdade na escolha de qual caso clínico participar quando estes estivessem ocorrendo de forma simultânea.

Durante as consultas, ao estagiário era permitido fazer anotações pessoais, realizar perguntas aos proprietários caso fossem pertinentes a anamnese e prestar assistência ao médico veterinário responsável, na realização das tarefas. Como procedimentos realizados, era incumbido ao graduando do curso de Medicina Veterinária, auxiliar na contenção do animal, aplicar medicações tópicas ou injetáveis quando prescritas pelo médico veterinário, realizar testes diagnósticos e coletar amostras de sangue e urina quando solicitado. Também era de sua função preparar os animais para os procedimentos cirúrgicos e internamentos, realizando a tricotomia, acesso venoso e fluidoterapia quando necessário, limpeza de feridas, troca de curativos e retirada de pontos também eram funções corriqueiras ao discente do curso de Medicina Veterinária.

3.1 FUNCIONAMENTO DA CLÍNICA PRONTOVET

A Clínica ProntoVet, existente desde o ano de 1993, possui sua rotina preferencialmente voltada aos animais de companhia, neste caso, cães e gatos. Conta como pontos fortes, o atendimento voltado a clínica geral e oftalmologia veterinária, que funciona em horário comercial diário das 8 às 18 horas, além, de tele plantão 24 horas, e atendimentos aos sábados das 9 horas ao meio dia.

De funcionários, a clínica possui: uma secretária/recepcionista, uma médica veterinária especializada em clínica geral, Maria Alice Eidt, e um médico oftalmologista veterinário, Emílio Fernandes Rodrigues Júnior. Também trabalham dois tosadores, mas pertencem a ProntoVet Comércio.

O número de animais atendidos oscilava, porém, eram cerca de 4 animais atendidos por dia útil, com o maior número de pacientes sendo da especialidade de oftalmologia veterinária.

Como serviços oferecidos, têm-se consultas de rotina, atendimento emergencial, internamento, exames de imagem, como ultrassonografia ocular e abdominal, procedimentos ambulatoriais e cirúrgicos.

As consultas, de preferência, eram agendadas previamente com a recepcionista, na qual, durante a ligação com o tutor, anotava os dados básicos dos animais, como nome, espécie, raça, coloração, idade e manifestação clínica do animal. Quando eram consultas referentes a especialidade de oftalmologia veterinária, já se aconselhava no telefone ao proprietário colocar o colar Elizabetano no animal e, em alguns casos, fazer limpeza com soro fisiológico do globo ocular, até o momento da consulta.

Os animais eram recepcionados na secretaria pelo estagiário ou recepcionista, onde dava-se início ao preenchimento da ficha cadastral do animal. As fichas de clínica geral e variadas especialidades eram feitas de forma digital, já as de oftalmologia veterinária eram feitas de forma tradicional, com ficha específica (Figura 3). Decorrido isto, os animais eram encaminhados para serem pesados e após, era aguardada a chamada do médico veterinário para atendimento.

Quando chegada a hora da consulta, o tutor e paciente eram acompanhados até o ambulatório pelo estagiário, dando-se início a anamnese completa do animal, seguido do exame físico, onde observava-se e analisava-se grau de hidratação do animal, coloração das mucosas, tempo de preenchimento capilar, palpava-se linfonodos, realizava-se auscultação cardiopulmonar, palpação abdominal e aferia-se a temperatura retal. Após a checagem e mensuração destes parâmetros, dava-se início ao exame físico específico, de acordo com a queixa principal do tutor.

As análises para constatações de alterações oculares mais realizadas era a avaliação do meio ocular com a Lâmpada de Fenda, permitindo-se a avaliação magnificada das estruturas frontais do olho. Utilização do teste de Schirmer® para avaliação de produção lacrimal e utilização de fluoresceína para avaliação da integridade córneo-conjuntival. Exames ultrassonográficos oculares, e exames do fundo do olho com auxílio do oftalmoscópio indireto também eram realizados, porém, com menor frequência.

Em situações em que se faziam necessários procedimentos cirúrgicos, seja de qual fosse a especialidade, o bloco cirúrgico era previamente preparado pelo estagiário, e

dependendo da cirurgia, era permitido auxiliar ou finalizar os procedimentos. Os instrumentos e utensílios cirúrgicos eram esterilizados semanalmente na autoclave, mesmo não tendo sido utilizados, afim de mantê-los no estado mais asséptico possível.

As coletas de sangue, quando necessárias, eram feitas pelo médico veterinário responsável pelo atendimento, ou estagiário, utilizando-se seringa de 5ml com agulha 30 x 7 mm, sendo a punção realizada prioritariamente na veia jugular do animal, e ocasionalmente na veia cefálica. Quando o animal se mantinha muito agressivo ou com extrema agitação, com contenção era bastante dificultada, optava-se por sedar o animal após autorização do proprietário. Normalmente utilizava-se Propofol 10 mg/ml (dose de 5 mg/kg) pela via endovenosa. A seguir, o material era encaminhado para laboratório de análises clínicas veterinárias.

Quando fosse preciso realizar exame coproparasitológico ou urinálise, era entregue o frasco coletor para o proprietário coletar o material, seguido das orientações necessárias. Havendo a necessidade de consultas específicas via solicitação do tutor ou encaminhamento, que não abrangiam a área de clínica geral ou oftalmologia veterinária, chamava-se o médico veterinário volante referente a tal especialidade para atendimento na clínica.

Os animais geralmente não tinham necessidade de internamento e eram liberados para tratamento em domicílio, quando necessário, neste caso, sempre portados de receituário contendo os dados básicos do animal, nome do medicamento, dose, frequência e tempo de utilização. Os pacientes tinham direito a retorno, e estes eram feitos dependendo da afecção do animal, variando de cinco a vinte e cinco dias.

4 CASUÍSTICA

Durante o período de estágio foram acompanhados 105 animais, contando com consultas, retornos e emergências. Destes, 93 eram da espécie canina, sendo 39 fêmeas e 54 machos. Já da espécie felina, foram 12 animais atendidos, sendo 10 fêmeas e 02 machos (Tabela 1).

Tabela 1 - Percentual de atendimentos acompanhados durante o período de estágio na clínica ProntoVet, de acordo com a queixa principal relatada, divididos por sistema/especialidade e espécies canina e felina. Florianópolis – 2018.

Sistema/especialidade	Animais		Canina		Felina	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Oftalmologia	76	72	67	72,1	9	75
Sistema gastrointestinal	11	10	10	10,7	1	8,3
Sistema tegumentar	7	7	7	7,5	-	-
Sistema musculoesquelético	5	5	5	5,4	-	-
Sistema geniturinário	2	2	-	-	2	16,7
Sistema respiratório	2	2	2	2,1	-	-
Oncologia	1	1	1	1,1	-	-
Sistema nervoso	1	1	1	1,1	-	-
Total	105	100	93	100	12	100

Fonte: O autor.

Dos 105 animais, foram diagnosticadas 154 afecções, que estão segmentadas de acordo com a espécie e sistema/especialidade (Tabela 2).

Vale ressaltar, que na tabela 1 a maior parte dos atendimentos (72%) obtiveram envolvimento com a especialidade de oftalmologia veterinária, como também, foi a área com mais afecções diagnosticadas (71,4%) vide tabela 2.

Tabela 2 - Afecções acompanhadas e diagnosticadas durante o estágio na clínica ProntoVet, divididas em caninas e felinas e por sistema/especialidade definido. Florianópolis – 2018.

Sistema/especialidade	Animais		Canina		Felina	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Oftalmologia	110	71,4	101	72,7	9	60
Sistema gastrointestinal	11	7,1	10	7,2	1	6,7
Oncologia	9	5,8	7	5	2	13,3
Sistema tegumentar	7	4,6	7	5	-	-
Sistema musculoesquelético	6	3,9	6	4,4	-	-
Sistema endócrino	5	3,3	4	2,9	1	6,7
Sistema genitourinário	2	1,3	-	-	2	13,3
Sistema nervoso	2	1,3	2	1,4	-	-
Sistema respiratório	2	1,3	2	1,4	-	-
Total	154	100	139	100	15	100

Fonte: O autor.

4.1 OFTALMOLOGIA

As doenças oftalmológicas compreendem uma considerável proporção dos pacientes atendidos na clínica média de pequenos animais. Problemas oculares são especialmente frequentes em raças da espécie canina com dobras nasais e frontais excessivas, com pálpebras mal posicionadas e cílios erroneamente direcionados (STADES et al., 2007).

A especialidade de oftalmologia veterinária, com larga vantagem, foi a que obteve o maior número de afecções diagnosticadas (71,4%) durante o período de estágio na clínica ProntoVet. Destas, contabilizaram-se 101 enfermidades acometendo a espécie canina, e 9 da espécie felina.

O atendimento aos animais ocorria seguindo preceitos essenciais para o correto diagnóstico e conduta clínica. Todos passavam por detalhada anamnese, perguntando-se: o motivo da consulta; há quanto tempo o animal vinha apresentando a alteração; percepção de piora ou melhora do quadro; se houve traumas oculares; manifestação de blefaroespasmos, epífora, prurido ou incômodo; se conseguia enxergar normalmente ou mostrava-se apático.

O exame físico consistia na contenção do animal, com exame físico e posterior análise do globo ocular e seus anexos com o auxílio da lâmpada de fenda, maximizando a

visualização de estruturas e suas possíveis alterações. Dependendo da suspeita clínica do animal eram realizados testes diagnósticos como teste da lágrima de Schirmer®, teste de fluoresceína, tonometria ocular, oftalmoscopia indireta e ultrassonografia.

Dentre as afecções diagnosticadas (Tabelas 3 e 4), a ceratite ulcerativa superficial foi a mais prevalente em cães (16,8%) e em gatos (33,4%). Diferentemente das ceratites intermediárias e profundas, onde os caninos foram a única espécie acometida e, em menor proporção.

A úlcera corneal pode ser considerada qualquer ceratopatia onde há perda de epitélio. Define-se a afecção como ceratite ulcerativa por sempre proporcionar algum nível de inflamação concomitante à úlcera. As ceratites ulcerativas ocorrem frequentemente na prática veterinária e, apesar de na maioria das vezes serem de simples desfecho, úlceras de maior profundidade requerem conduta apropriada e especializada (MILLER, 2008).

Muitas das úlceras dos pacientes atendidos eram secundárias a alguma afecção, e suas causas primárias mais comuns eram a ceratoconjuntivite seca, trauma ocular e entrópio de forma isolada ou associada. O diagnóstico e classificação das úlceras baseava-se na anamnese completa e exame físico específico, com avaliação de estruturas oculares e uso de teste de fluoresceína.

O tratamento preconizado para ceratite ulcerativa superficial e alternativo para a úlcera intermediária era a limpeza ocular com soro fisiológico TID, uso de colírio antibiótico como Vigamox® (moxifloxacino), Zymar® (gatifloxacino) e Tobrex® (sulfato de tobramicina) uma gota, em frequência variando de 3 a 6 vezes ao dia, por geralmente dez dias. Muitas vezes também, associava-se aplicações de medicamentos antibióticos como Agemoxi® (amoxicilina triidratada) pela via SC (15 mg/kg) SID e AINES tópicos como o colírio Still® (diclofenaco sódico) e, meloxicam SC (0,1mg/kg) caso houvesse necessidade de minimizar processos inflamatórios secundários. A frequência e intervalo de utilização sofriam alterações dependendo da especificidade do caso.

Os dois animais com ceratite ulcerativa profunda já apresentavam exposição da camada de Descemet e foram alertados do risco eminente de perfuração ocular caso não optassem pelo procedimento cirúrgico com “flap” de terceira pálpebra.

Um dos caninos realizou a cirurgia de recobrimento no mesmo dia e foi complementado o tratamento tópico em casa com colírio Vigamox oito vezes ao dia por tempo indeterminado e limpeza com soro fisiológico três vezes ao dia.

Tabela 3 - Número e percentual de afecções oftalmológicas diagnosticadas e acompanhadas durante o período de estágio na clínica veterinária ProntoVet, separas por espécies, canina e felina. Florianópolis – 2018.

Afecção/diagnóstico	Canina		Felina	
	Nº	%	Nº	%
Ceratite ulcerativa superficial	17	16,8	3	33,4
Ceratoconjuntivite seca (CCS)	16	15,7	-	-
Glaucoma	10	9,9	-	-
Uveíte secundária	12	11,8	1	11,1
Entrópio	4	3,9	-	-
Ceratite ulcerativa intermediária	4	3,9	-	-
Catarata imatura	3	3	-	-
Catarata supermatura	3	3	-	-
Descolamento de retina	3	3	1	11,1
Hifema secundário	3	3	-	-
Lagoftalmia congênita	3	3	-	-
Ceratite pigmentar	3	3	-	-
Ceratite por exposição	3	3	-	-
Catarata madura	2	2	-	-
Obstrução do ducto nasolacrimal	2	2	1	11,1
Ceratite ulcerativa profunda	2	2	-	-
Coloboma	1	1	-	-
Blefarite a esclarecer	1	1	-	-
Atrofia progressiva generalizada de retina	1	1	-	-
Catarata insipiente	1	1	-	-
<i>Phthisis bulbi</i>	1	1	1	11,1
Presença de tecido lacrimal em olho enucleado a esclarecer	1	1	1	11,1
Uveíte idiopática	1	1	-	-
Estrabismo	-	-	1	11,1
Nictalopia a esclarecer	1	1	-	-
Panofalmita	1	1	-	-
<i>Pannus</i>	1	1	-	-
Meibomite a esclarecer	1	1	-	-
Total	101	100	9	100

Fonte: O autor.

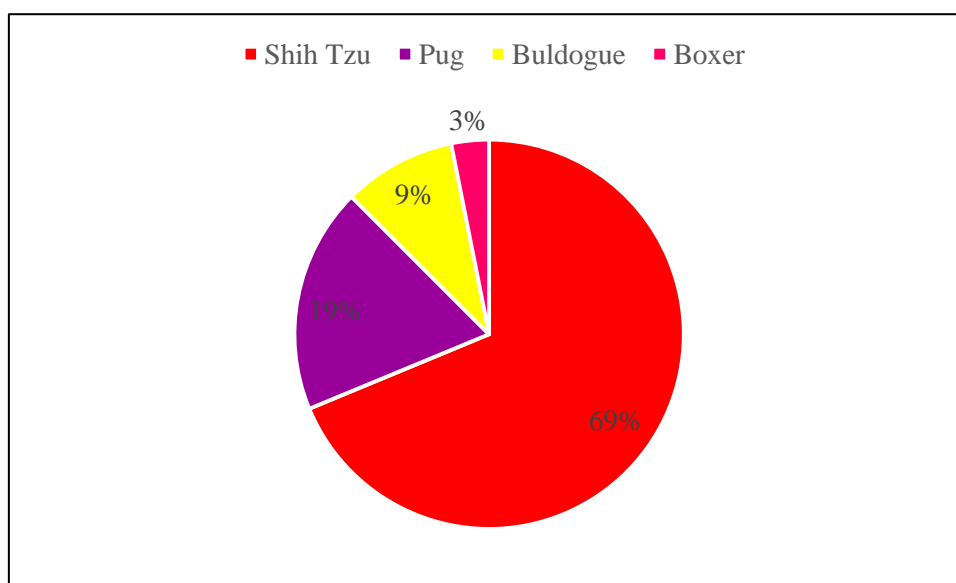
Tabela 4 - Número de cães diagnosticados com afecções oftálmicas de acordo com a raça e formato cranial. Florianópolis – 2018.

Sistema/especialidade	Canina	
	Nº	%
Cães braquicefálicos com raça definida	34	51
Cães mesocefálicos/dolicocefálicos de raça definida	25	37
Cães SRD	8	12
Total	67	100

Fonte: O autor.

A segunda afecção mais diagnosticada foi a ceratoconjuntivite seca (CCS), acometendo somente caninos. Interessante ressaltar, que todos os animais com a afecção eram de raça definida (Tabela 4) e em sua maioria braquicefálicos, e essa particularidade se repete com relação a outras afecções, tendo destaque para a raça Shih Tzu (Figura 10). Segundo Plummer (2015), os cães braquicefálicos possuem olhos protuberantes relativamente à posição rostral do bulbo ocular em comparação à borda da órbita. De forma geral, são predispostos ao desenvolvimento de afecções oculares, como a deficiência quantitativa ou qualitativa de lágrimas, entrópio, sensibilidade corneal reduzida, triquíase, epífora e deficiência na drenagem de lágrimas (PLUMMER, 2015).

Figura 10 - Raças braquicefálicas atendidas na especialidade de oftalmologia. Florianópolis.



Fonte: O autor (2018).

Conforme Defante Junior (2006), a CCS caracteriza-se pela considerável diminuição da porção aquosa da lágrima, ocasionando inflamação ocular, ressecamento, desconforto e diminuição da acuidade visual. O diagnóstico era baseado no teste de Lágrimas de Schirmer, onde todos os animais acometidos apresentavam menos de 15 mm de umidificação. O tratamento preconizado para CCS consistia em uso de pomada oftálmica Optimune® (Ciclosporina 0,2%) 1 cm TID ou BID dependendo da gravidade da deficiência lacrimal, por todo o tempo. Aplicações subcutâneas com AINES ou AIE também eram realizadas concomitantemente caso houvesse necessidade.

Dez animais, todos da espécie canina, foram diagnosticados com glaucoma, e de acordo com Stades et al. (2007), a doença pode ser definida como um processo patológico relacionado a diferentes etiologias e caracterizado pela diminuição da sensibilidade e funcionalidade ou morte das células retinianas ganglionares, importante redução do campo visual e cegueira, estando associado a um aumento da pressão intra ocular.

O diagnóstico era realizado a partir de anamnese e exame físico, com exames das estruturas com lâmpada de fenda, na palpação ocular e aferindo a pressão intraocular com o auxílio do tonômetro Tonovet®. Os animais com PIO maior que 25 mmHg eram considerados glaucomatosos. A conduta terapêutica dava-se com colírios de cloridrato de dorzolamida e Travatan (Travoprost) uma gota em cada olho acometido por todo o tempo. A dose e frequência de utilização variavam de acordo com a gravidade do caso.

Já a catarata, se desenvolve por transtornos de cunho metabólico que envolvem alterações bioquímicas, principalmente relacionadas a coagulação de proteínas, como consequência, ocorrem alterações na arquitetura lamelar da cápsula (anterior ou posterior) ou fibras do cristalino, levando a sua opacificação (CARNEIRO FILHO, 1997; SILVA, 2010).

Todos os animais diagnosticados com catarata eram cães, e foram classificados de acordo com o estágio de desenvolvimento da doença (insipiente, imatura, madura e hipermadura). O diagnóstico dava-se pela associação de anamnese, exames laboratoriais caso desconfiasse-se de afecção predisponente e, exame físico sistêmico e ocular, com auxílio da lâmpada de fenda.

Tratava-se a causa primária se presente, e todos os tutores de cães eram aconselhados a optar por tratamento cirúrgico com a colocação de lente intraocular após a avaliação da retina pelo eletrorretinograma (ERG). Pois, se houver doenças oculares graves concomitantes e a catarata não estiver propiciando sinais oculares graves secundários, a cirurgia torna-se dispensável, já que o objetivo é devolver a visão do animal e manter sua qualidade de vida.

Houve também, três cães, todos braquicefálicos, com alterações de lagoftalmia e consequente ceratite por exposição. Como já citado anteriormente, os cães braquicefálicos possuem os olhos mais proeminentes, levando a uma parte deles terem inabilidade de ocluírem as pálpebras. O tratamento terapêutico instituído era o mesmo para a ceratoconjuntivite seca, com uso de pomada ocular Optimune (Ciclosporina 0,2%) BID ou TID por todo o tempo e, uso de colírio antibiótico caso houvesse úlceras de córnea secundárias. Apesar de o tratamento definitivo ser pela técnica de cantoplastia medial, nenhum dos tutores aceitaram este tratamento.

Um canino, SRD, foi atendido com relatos de que apresentava eventual dificuldade visual, no decorrer da anamnese a tutora relatou que aparentemente piorava a acuidade visual do animal durante a noite, o que poderia indicar uma degradação precoce dos bastonetes (nictalopia). O diagnóstico definitivo se deu com a visualização da retina do cão com o oftalmoscópio indireto após o intervalo de dez minutos de instilando-se o colírio de atropina a 1%. Através do exame percebeu-se a atenuação vascular retiniana, indicando um quadro inicial de atrofia progressiva de retina.

De acordo com Petersen-Jones (2005), a atrofia progressiva de retina (APR) refere-se a uma série de condições hereditárias que acarretam no desenvolvimento da degeneração retiniana e comprometem os fotorreceptores da retina. A idade de início e velocidade de progressão da doença variam dependendo da individualidade do animal.

Não existe tratamento disponível que impeça a atrofia retiniana, o aconselhado para o proprietário foi propiciar qualidade de vida ao animal, evitando mantê-lo em ambientes com obstáculos ou áreas com piscinas.

Houve também, um animal da espécie canina e um da espécie felina, com quadro de *Phthisis bulbi*. Conforme Stades (2007), a afecção pode ser definida pela queda de produção de humor aquoso (normalmente com PIO menor que 15 mmHg), resultado de, por exemplo, lesão traumática ao corpo ciliar e uveítes recorrentes. O olho neste estado apresenta-se colapsado, atrofiado e murcho.

Os dois animais em questão tinham sofrido lesão ocular traumática há um período considerável de tempo, apresentavam diminuição do globo ocular, epífora e odor fétido. O tratamento terapêutico para ambos os casos consistiu no uso de colírio antibiótico gentamicina a cada quatro horas por sete dias e aplicação de meloxicam injetável (0,1 mg/kg) em dose única para reduzir processo inflamatório. Como tratamento definitivo foi recomendada a enucleação pelo risco de predisposição a tumores oculares.

Outra afecção referente ao bulbo ocular diagnosticada foi a panoftalmite bilateral em um cão senil da raça Pinscher. Foi relatado que o animal apresentava eventual prurido e estava com baixa acuidade visual. No exame físico o cão foi negativo para o teste à ameaça e sua pressão foi aferida, com 55 mmHg no olho esquerdo, já o olho direito estava dentro dos parâmetros de pressão intraocular. A conduta terapêutica consistiu em três aplicações de dexametasona SC (0,5 mg/kg) com intervalo de quarenta e oito horas e utilização dos colírios Travatan (Travoprost) e cloridrato de dorzolamida, instilando-se uma gota em ambos os olhos QID.

A panoftalmite é a inflamação generalizada dos tecidos do globo ocular e geralmente são resultantes de traumas ou infecções (STADES, 2007).

4.2 SISTEMA GASTROINTESTINAL

As afecções gastrointestinais foram a segunda causa mais diagnosticada nos animais durante o período de estágio (7,1%), sendo a segunda mais prevalente em cão (7,2%) e a terceira mais prevalente em gatos (6,7%). A gastroenterite foi a afecção gastrointestinal preponderante em cães (40%), ao passo que, nos felinos, houve apenas um caso em que o sistema foi acometido, definido por doença periodontal (Tabela 5).

A gastroenterite canina é uma afecção rotineira da clínica de pequenos animais e compreende um quadro clínico composto, principalmente, por vômito e diarreia devido ao acometimento do trato gastrointestinal de forma inflamatória. (JONES et al., 2000). As etiologias são variadas, dentre virais, bacterianas, parasitárias, intoxicações em geral e alimentares (MAHL, 1994).

Em quatro cães, todos machos, identificou-se gastroenterite. Relacionou-se a etiologia da afecção como sendo alimentar, pela alimentação desbalanceada e imprópria, com dois animais tendo ingerido alimentos contaminados. O tratamento para todos baseou-se em três aplicações de Amoxicilina (20 mg/kg) SID, Sucralfato (1g/animal) SID por sete dias e, sugeriu-se a ração Gastro Intestinal Canine Royal Canin®.

Já a doença periodontal, foi diagnosticada em quatro dos animais. Sua etiologia relaciona-se com o acúmulo de placa bacteriana na superfície dos dentes, que gera resposta inflamatória local a microbiota oral e, ocasiona perda de tecido de sustentação do dente em menor ou maior grau de forma irreversível (GORREL, 2011). Os animais encontravam-se com perda de sustentação de um número considerável de dentes, halitose, hiperemia gengival e placa bacteriana.

O tratamento instituído para a doença periodontal, consistiu, em todos os pacientes, no procedimento cirúrgico sob anestesia geral, com remoção da placa bacteriana, raspagem supra e subgingival e, extração dentária dos dentes inviáveis. Os proprietários foram instruídos a realizar escovação dentária no animal, três vezes por semana, com uso de dentifrício específico.

Em um paciente canino, foi diagnosticado presuntivamente lipidose hepática (Tabela 5) por meio da anamnese, exame físico completo, exame de sangue e ultrassonografia. O animal constantemente apresentava episódios de alterações gastrointestinais, com vômitos e diarreia, além de perda de apetite. Na palpação abdominal não houve nada digno de nota, porém, ao exame de sangue evidenciou-se alteração nas enzimas séricas e, no exame ultrassonográfico, notou-se leve aumento difuso da ecogenicidade hepática.

Segundo Fiorentin (2014), a lipidose hepática em pequenos animais é causada por um desequilíbrio entre a captação hepática dos hepatócitos e sua posterior utilização, tendo como causas específicas a obesidade, ingestão calórica desbalanceada, hepatotoxinas, anorexia, dentre outras.

No caso deste paciente, acredita-se que o quadro se desenvolveu em função da alimentação desbalanceada do animal, rica em carboidratos. O tratamento baseou-se na alimentação, recomendando-se ao paciente alimentar-se exclusivamente com ração Gastro Intestinal Canine Royal Canin®.

Uma paciente canina, fêmea, de grande porte atendida, apresentava apatia, prostração, desidratação leve e, diarreia fétida e pastosa. Coletou-se sangue e fezes para exame coproparasitológico, e o animal permaneceu internado em fluidoterapia. Evidenciaram-se cistos de *Giardia* na análise fecal do animal (Tabela 5). O tratamento instituído foi Metronidazol (20 mg/kg) BID durante cinco dias.

De acordo com Lenzi (2013), a Giardíase, causada pelo protozoário *Giardia* spp, tem alta prevalência nos pequenos animais, possuindo como sinal clínico principal, diarreia intermitente proveniente do intestino delgado, que se apresenta geralmente fétida, pastosa, podendo ter presença de muco e, raramente apresenta sangue. A afecção pode levar a síndrome da má absorção.

Um dos animais, também canino e filhote, chegou na clínica prostrado, apático, com crises de vômito, hipotérmico, com mucosas hipocoradas, e relato de ingestão de fragmentos de objeto emborrachado. Hidratou-se o animal com fluidoterapia IV, aplicou-se metoclopramida (0,2 mg/kg) IV SID, e realizado ultrassom, apontando provável corpo

estranho na região gástrica (Tabela 5). Os proprietários não autorizaram a coletar sangue ou fazer demais exames diagnósticos de imagem. O animal ficou internado sob monitoramento, e no dia seguinte já estava alerta e expeliu fragmentos do objeto nas fezes.

Tabela 5 - Afeções gastrointestinais acompanhadas e diagnosticadas durante o estágio na ProntoVet, referente ao número e percentual das espécies canina e felina. Florianópolis – 2018.

Afeção/diagnóstico	Canina		Felina	
	Nº	%	Nº	%
Gastroenterite	4	40	-	-
Doença Periodontal	3	30	1	100
Lipidose hepática	1	10	-	-
Corpo estranho gástrico	1	10	-	-
Giardíase	1	10	-	-
Total	10	100	1	100

Fonte: O autor.

4.3 ONCOLOGIA

O globo ocular foi a estrutura mais afetada por neoplasias, considerando os atendimentos acompanhados na clínica ProntoVet durante o período de estágio. Teve destaque para a espécie canina, que obteve 77,8% dos diagnósticos das afeções oncológicas, correspondendo a 7 animais.

De acordo com Willis e Wilkie (2001), as neoplasias oculares podem afetar todos os tecidos do olho, e sua aparência clínica pode variar significativamente dependendo do tecido ocular envolvido, ao passo que, as neoplasias intraoculares podem mimetizar ou favorecer doença inflamatória ocular em consequência do desenvolvimento de hifema ou glaucoma secundário. Muitos tumores oftálmicos apesar de benignos, tem grande capacidade local invasiva, que com o espaço restrito do globo ocular, podem levar a uma significativa distorção de tecidos e afeções secundárias (WILLIS; WILKIE, 2001).

Três dos pacientes apresentaram neoplasias oculares primárias (Tabela 6), porém, não foram feitos exames diagnósticos definitivos por opção dos tutores dos animais, que foram avisados dos riscos por não realizarem tais procedimentos.

Tabela 6 - Número e percentual de afecções oncológicas diagnosticadas e acompanhadas durante o período de estágio na clínica ProntoVet, separadas por canina e felina. Florianópolis – 2018.

Afecção/diagnóstico	Canina		Felina	
	Nº	%	Nº	%
Neoplasias oculares primárias a esclarecer	3	4,8	1	50
Papiloma	1	14,3	-	-
Hidrocistoma a esclarecer	-	-	1	50
Sertolioma	1	14,3	-	-
Carcinoma tubular mamário grau I	1	14,3	-	-
Tumor venéreo transmissível	1	14,3	-	-
Total	7	100	2	100

Fonte: O autor

Um dos animais continha uma massa neoplásica profusa, de crescimento rápido na região da glândula da terceira pálpebra do olho direito que, segundo os proprietários, havia surgido há cerca de três meses e o animal manifestava eventual prurido local. Foi feito exame ultrassonográfico que demonstrou que o tumor estava invadindo o segmento anterior do olho, especificamente região do corpo ciliar. O tratamento instituído sugerido foi enucleação e posterior histopatológico para determinação do tumor e suas possíveis implicações sistêmicas.

Os outros dois caninos apresentando neoplasias oculares primárias unilaterais possuíam manifestações clínicas similares, com hiperemia da conjuntiva, blefaroespasma, hifena, uveíte, secreção e perda aguda de visão. Nos dois casos foi feita a ultrassonografia para comprovação diagnóstica de massa tumoral, em um animal a massa tumoral localizava-se na íris e no outro, a massa tumoral já havia invadido o segmento posterior, fora que, apresentava glaucoma secundário, com sua PIO (59 mmHg) aferida com tonômetro.

Os tratamentos mediatos instituídos para ambos os casos foi aplicação de dexametasona (0,3 mg/kg) SID e colírio Maxidex® (dexametasona e hidromelose) a cada quatro horas por sete dias. Já o tratamento definitivo sugerido para ambos os animais foi enucleação e posterior encaminhamento para realizar o histopatológico.

Uma Golden Retriever de seis anos, apresentava estrutura neoplásica nodular e enegrecida na conjuntiva palpebral superior, a qual lesionou a córnea do animal que apresentava ceratite ulcerativa superficial, confirmada com o uso de fluoresceína. Foi instituído tratamento com colírio antibiótico Zymar® (gatifloxacino) a cada três horas,

durante dez dias e tratamento definitivo sugerido foi a excisão cirúrgica com margem de segurança para evitar recidiva.

O papiloma viral é uma neoplasia de crescimento lento e menor invasividade, que tende a apresentar-se de forma verrucosa ou papilomatosa, com tropismo para qualquer membrana mucosa e pele e, apesar de ter predileção pela cavidade oral nos cães, pode acometer a conjuntiva palpebral (DUBIELZIG et al., 2010).

Tiveram-se como afecções oncológicas constatadas também, uma felina com hidrocistoma no canto medial inferior do olho direito, que foi sugerindo a ablação química do nódulo pelo potencial de crescimento e lesão corneal, bem como, um cão macho, com hiperplasia testicular unilateral, que passou por castração e confirmou-se sertolioma com a posterior biópsia. De acordo com Santos e Angélico (2004), o tumor das células de Sertoli é a terceira neoplasia mais comum em cães, e tende a ter um prospecto benigno, geralmente sem potencial metastático.

Durante o exame físico de rotina de uma cadela Maltês, de 11 anos, notou-se massa nodular e de consistência firme na sua última cadeia mamária inguinal esquerda. Por ser paciente cardiopata, com doença valvar degenerativa crônica, optou-se pela extirpação cirúrgica exclusiva da mama acometida (mamectomia) juntamente com a ovariosalpingohisterectomia (OSH). De resultado, o histopatológico apontou carcinoma tubular mamário de grau I (Tabela 6), que é um tumor maligno de glândula mamária e segundo Guim (2011), possui grande capacidade infiltrativa em tecidos adjacentes e vasos, sendo a disseminação hematógena e linfática comuns.

O tratamento instituído foi a recomendação da extirpação cirúrgica das mamas adjacentes, com posterior histopatológico do linfonodo e tratamento fitoterápico com *Viscum album* em quatro aplicações subcutâneas na região escapular uma vez por semana durante 4 semanas, pois o tratamento convencional com doxorubicina não era apropriado pela toxicidade ao miocárdio. Seria feito acompanhamento mensal.

4.4 SISTEMA MUSCULOESQUELÉTICO

Não houve proeminência de nenhuma afecção entre as diagnosticadas nos cães, todas obtiveram a mesma margem percentual, igual a 33,3%, enquanto que, nenhum gato foi diagnosticado com alteração de cunho musculoesquelético (Tabela 7).

A lesão muscular por contusão é causada por traumatismo direto e rápido, que por consequência, exerce força compressiva sobre o tecido muscular (ARAÚJO, 2011). Ambos os casos de contusão ocorreram por lesão traumática, com um animal envolvido em agressão física a outro cão e, o segundo animal, desequilibrou-se e caiu da escada.

Tabela 7 - Número e percentual de afecções musculoesqueléticas diagnosticadas, acompanhadas durante o período de estágio na ProntoVet, separadas em canina e felina. Florianópolis – 2018.

Afecção/diagnóstico	Canina		Felina	
	Nº	%	Nº	%
Contusão Muscular	2	33,33	-	-
Artrose	2	33,33	-	-
Displasia coxofemoral	2	33,33	-	-
Total	6	100	-	-

Fonte: O autor.

O tratamento instituído para os dois caninos foi uma aplicação de meloxicam (0,2 mg/kg) em única aplicação e após 0,1 mg/kg SID a partir do segundo dia de conduta terapêutica durante três dias.

A displasia coxofemoral (DCF) é uma enfermidade articular frequente em cães, afetando a cabeça e coxofemoral, e o acetábulo, caracterizada por ser de natureza poligênico, quantitativa, multifatorial e que, na maioria dos casos leva a alteração degenerativas irreversíveis. Os sinais clínicos incluem claudicação intermitente, dor aguda e paresia voluntária (ROCHA et al., 2008).

Um canino de 8 meses ano da raça Pug, foi atendido com queixas de paresia intermitente, vocalização por dor, prostração e claudicação. No exame físico, animal apresentou reação á palpação da região coxofemoral, para tanto, solicitou-se exame radiográfico que revelou displasia coxofemoral grau B. O tratamento instituído baseou-se em duas aplicações de dexametasona (0,2 mg/kg) SID durante dois dias e continuação no terceiro dia com carprofeno (4,4 mg/kg) SID durante sete dias, além, de Condromax Pet® 1200 mg (meio tablete) SID por tempo indeterminado.

4.5 SISTEMA TEGUMENTAR

Todos os casos envolvendo o sistema tegumentar foram diagnosticados na espécie canina, sendo dermatite atópica (28,6%), sarna demodécica (28,6) e otite otodécica (28,6%), as mais prevalentes (Tabela 8).

A dermatite atópica canina (DAC) é uma dermatopatia inflamatória, que afeta indivíduos predispostos e tem caráter crônico e pruriginoso. Geralmente a doença está associada à produção de anticorpos IgE contra antígenos microbianos, irritantes e ambientais (SOLOMON et al., 2012).

Tabela 8 - Ocorrência de afecções acompanhadas e diagnosticadas durante o estágio realizado na ProntoVet, divididas em canina e felina. Florianópolis – 2018.

Afecção/diagnóstico	Canina		Felina	
	Nº	%	Nº	%
Dermatite atópica	2	28,6	-	-
Sarna demodécica	2	28,6	-	-
Sarna otodécica	2	28,6	-	-
Otite fúngica por <i>Malassezia</i> spp.	1	14,2	-	-
Total	7	100	-	-

Fonte: O autor.

Dois animais apresentaram dermatite atópica e ambos foram diagnosticados pela integração de anamnese à exclusão de outras dermatopatias pruriginosas (infecciosas e parasitárias) com o auxílio de exames diagnósticos negativos para raspagem de pele. O tratamento baseava-se na suplementação de ácidos graxos essenciais (ômega 3 e 6), no uso de shampoos medicamentosos, glicocorticóides e antiparasitários como selamectina.

O diagnóstico das otites era feito com o auxílio do otoscópio para visualização adequada do conduto auditivo e manifestações clínicas de prurido, odor, incômodo ou movimentos pendulares de cabeça. Nos casos de sarna otodécica, identificava-se o ácaro no pavilhão auditivo do animal e instituíam-se de tratamento Natalene® (Diazinon, Pimaricina, Neomicina e Acetato de Dexametasona) BID por vinte dias com quatro gotas em cada ouvido.

Com relação a otite por *Malassezia* spp. foi necessário realizar o exame de citologia para identificação do agente fúngico na secreção do conduto auditivo e instituiu-se de tratamento com uso tópico de Otoguard® (Cetoconazol, sulfato de Tobramicina, fosfato sódico de Dexametasona e cloridrato de Lidocaína) BID, 4 gotas em cada ouvido, durante quinze dias.

4.6 SISTEMA GENITOURINÁRIO

Apenas dois animais, felinos, apresentaram afecções relacionadas ao trato genitourinário, em que, um felino apresentava cistite idiopática felina (CIF) e um gato doença renal crônica (Tabela 9).

Tabela 9 - Número e percentual de caninos e felino diagnosticados com afecções genitourinárias, acompanhados durante o estágio na clínica ProntoVet. Florianópolis – 2018.

Afecção/diagnóstico	Canina		Felina	
	Nº	%	Nº	%
Cistite idiopática felina (CIF)	-	-	1	50
Doença renal crônica	-	-	1	50
Total	-	-	2	100

Fonte: O autor.

A cistite idiopática felina (CIF) é uma enfermidade com etiologia ainda não muito bem elucidada, que acomete gatos com frequência, e tem como principais fatores predisponentes o estresse, toxinas, micro-organismos e deficiência de alguns fatores protetores de mucosas (BUFFINGTON, 2011). De acordo com Weissova e Norsworth (2011), os sinais clínicos compreendem estrangúria, polaciúria, periúria, vocalização durante a micção, prostração, anorexia e vômito.

Uma gata, de quatro anos, sem raça definida, chegou à clínica com relato de quadro de vômitos intermitentes, prostração e vocalização à tentativa de miccionar, além de que, a proprietária alegou estar implementando uma reforma em sua casa.

Durante a palpação abdominal o animal apresentou desconforto. A conduta clínica foi a coleta de sangue para hemograma e bioquímico completos aliados a complementação de exame ultrassonográfico. Como a felina não apresentava grau de desidratação, apenas foi aplicado Cerenia SC (1 mg/kg) subcutâneo para cessar o quadro de vômito agudo e feito aplicação de Shotapen® (Benzilpenicilina Procaína, Benzilpenicilina Benzatina e Diidroestreptomicina) (0,1 ml/kg) por via subcutânea.

Dentro de vinte quatro horas os vômitos cessaram, mas o animal continuava apático, sem ingerir água ou alimentos. Os exames de sangue não evidenciaram alterações dignas de nota, porém, o ultrassom apresentou celularidade na bexiga e aumento na espessura vesical.

O diagnóstico com base no quadro clínico, ausência de alterações séricas e achados ultrassonográficos, foi de cistite idiopática induzida por quadro de estresse agudo pela reforma na casa da tutora. Foi feito fluidoterapia no animal no segundo dia de tratamento e instituíram-se mais quatro aplicações SC de Shotapen® (0,1 mg/kg) SID, Meloxicam SC (0,1 mg/kg) em única aplicação e introdução da ração *Royal Canin Veterinary Urinary*. No terceiro dia de tratamento animal apresentava melhora significativa.

A doença renal crônica (DRC) pode ser considerada a manifestação mais comum em termos de doença renal em gatos (CASTRO et al., 2009). Constitui-se DRC quando há perda de 75% da massa funcional renal, caracterizando um quadro de insuficiência renal (POLZIN et al., 2005). O animal diagnosticado realizava consultas mensais, fluidoterapias quando necessário e aferição da pressão arterial com Doppler Vascular, não era hipertenso.

4.7 SISTEMA NERVOSO

Ambos os animais diagnosticados com enfermidades do sistema nervoso foram cães, apresentando síndrome da disfunção cognitiva (50%) e encefalite do Pug a esclarecer (50%), assim como demonstra a Tabela 10.

Uma fêmea, Poodle, de 11 anos, foi atendida com histórico de que há cerca de dois meses começou a andar em círculos em ambas as direções, apresentava vocalização constante, confusão mental, alteração nos padrões de sono e déficit proprioceptivo. A suspeita clínica era de disfunção cognitiva em decorrência da idade do animal. Os tutores não aceitaram fazer tomografia para exclusão de outras enfermidades. Foi coletado sangue da cadela para hemograma e bioquímico.

Tabela 10 - Ocorrência de afecções em cães e gatos no sistema nervoso diagnosticadas e acompanhadas durante o estágio na ProntoVet. Florianópolis – 2018.

Afecção/diagnóstico	Canina		Felina	
	Nº	%	Nº	%
Síndrome da disfunção cognitiva	1	50	-	-
Encefalite do cão Pug a esclarecer	1	50	-	-
Total	2	100	-	-

Fonte: O autor.

Não houve alteração significativa nos parâmetros séricos, que permitiu a instituir-se o tratamento com Selegilina VO (1 mg/kg) SID por tempo indeterminado.

Com cerca de 10 dias de tratamento, o paciente já apresentava melhora significativa, com diminuição da vocalização e do andar compulsivo. Segundo Travancinha (2015), a Síndrome da Disfunção cognitiva compreende alterações de cunho neurodegenerativo que acomete animais geriátricos, de forma a comprometer sua função cognitiva progressivamente, resultando em déficits de memória, percepção espacial, aprendizagem e interação social.

Também houve atendimento de um cão da raça Pug, de 8 meses, com manifestação súbita de dor não localizada, claudicação dos membros pélvicos, apatia e vocalização. Na palpação, animal manifestou desconforto na região lombossacra. Suspeitou-se de alteração musculoesquelética, para tanto, foi realizada coleta de sangue (perfil pré-cirúrgico) e solicitou-se exame radiográfico. De tratamento instituiu-se dexametasona SC (0,2 mg/kg) SID durante 2 dias.

No dia seguinte animal já apresentava melhora significativa, mostrava-se ativo e sem sinais de dor ou desconforto, o exame radiográfico apontou Displasia Coxofemoral grau B. O tratamento complementar baseou-se em carprofeno (4,4 mg/kg) SID durante sete dias e, Condromax Pet 1200 mg (meio tablete) SID por tempo indeterminado. Os tutores também foram instruídos a evitar permitir o animal de subir locais elevados e implementar alimentação com ração *light* para propiciar a perda de peso.

Decorridos quatro dias do tratamento os proprietários trouxeram o animal para uma consulta oftalmológica de emergência alegando que o animal subitamente não mais enxergava e que não havia sofrido traumas ou outras intercorrências. Ao exame oftalmológico, constatou-se que o animal não mais enxergava. Porém, estruturas oculares não apresentavam alterações e possuía reflexo pupilar. Analisou-se o fundo do olho com auxílio de oftalmoscópio indireto que não evidenciou nenhuma alteração, levando a suspeita diagnóstica de uma possível alteração cerebral que estava impedindo o animal de processar a imagem.

Recomendou-se suspender o carprofeno, iniciar com prednisona (1 mg/kg) BID até a consulta com neurologista.

Animal veio a óbito no dia seguinte, não chegando a se consultar com especialista. A suspeita é que tenha sido um quadro de encefalite do cão Pug, porém não houve confirmação diagnóstica, pois os tutores não autorizaram necropsia do animal.

De acordo com Romão et al. (2012), a encefalite do cão Pug é uma doença idiopática de acometimento raro e caráter inflamatório do sistema nervoso central. Pressupõe-se que

tenha relação com a presença de anticorpos contra uma substância presente no encéfalo ou esteja relacionada com infecções virais, além, da clara predisposição racial e genética. Os sinais clínicos compõem letargia, ataxia, déficits proprioceptivos, cegueira e quadros convulsivos. O diagnóstico é difícil e baseia-se geralmente na necropsia.

4.8 SISTEMA RESPIRATÓRIO

Dois cães jovens de raça definida foram os responsáveis por compor o quadro de afecções do sistema respiratório diagnosticadas durante todo o período de estágio. Os animais obtiveram como diagnóstico a traqueobronquite infecciosa canina, também referenciada como tosse dos canis.

Os (dois) animais diagnosticados (Tabela 11) tinham históricos similares, costumavam passear diariamente em áreas com outros animais, tiveram início súbito de tosse que se agravava com exercício e apresentavam secreção nasal. Foi prescrito em ambos os casos dipirona VO (25 mg/kg) TID caso manifestação de dor ou febre, e antibioticoterapia com amoxicilina VO (2,5 mg/kg) BID durante dez dias.

A traqueobronquite infecciosa canina é uma doença branda, contagiosa e geralmente alto limitante, podendo ter envolvimento de diversos agentes infecciosos, e capaz de provocar infecção respiratória súbita. As manifestações clínicas compreendem secreção naso-ocular e ataque agudo de tosse (FERNANDES; COUTINHO, 2004).

4.9 SISTEMA ENDÓCRINO

A afecção do sistema endócrino mais diagnosticada foi a obesidade, manifestando-se em três dos cães (60%) e um gato (100%) (Tabela 12).

A obesidade é um distúrbio patológico caracterizado por acúmulo de gordura em demasia, em decorrência da ingestão de nutrientes, distúrbios dos gastos energéticos, ou desequilíbrio dos dois processos, excedendo para tanto, os níveis necessários para o funcionamento do organismo (LAZZAROTTO, 1999).

Um canino, Poodle, de 12 anos com 9 kg, foi atendido na especialidade de oftalmologia veterinária com queixa principal de que não possuía mais acuidade visual há cerca de 15 dias. Na anamnese relatou-se que o cão estava bebendo água e miccionando em demasia. Através do exame ocular com o auxílio da Lâmpada de Fenda diagnosticou-se

catarata imatura bilateral. Fez-se hemograma e bioquímico para confirmar suspeita diagnóstica de Diabete *Mellitus* como afecção primária à catarata. A glicose mostrou-se muito alterada, com concentração sérica de 668 mg/dL. Instituiu-se tratamento com Caninsulin® (1 UI/kg + 1 UI).

Tabela 11 - Número e percentual de afecções do sistema endócrino diagnosticadas e acompanhadas durante o período de estágio na Clínica Veterinária ProntoVet, separadas por espécie. Florianópolis – 2018.

Afecção/diagnóstico	Canina		Felina	
	Nº	%	Nº	%
Obesidade	3	60	1	100
Diabetes	1	40	-	-
Total	5	100	1	100

Fonte: O autor

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O maior número de afecções diagnosticadas com larga vantagem, pertenceram a especialidade de oftalmologia veterinária. Isso se deu, em decorrência do estágio ser em uma clínica veterinária onde o diferencial é este ramo.

Ainda com relação a especialidade de oftalmologia, ficou-se nítido que animais braquicefálicos de raça definida, devido a principalmente sua anatomia, tem maior predisposição a desenvolver alterações oculares.

Houve também, um número considerável de afecções diagnosticadas presuntivamente, isso decorreu principalmente em função da resistência financeira dos tutores, onde exames complementares, biópsias ou necropsia eram rejeitados. Este fato também explica o baixo número de procedimentos cirúrgicos realizados, mesmo quando a indicação era tratamento cirúrgico. Isto prejudica a qualidade do prognóstico e impede o médico veterinário de exaltar suas habilidades práticas e teóricas de forma apropriada.

6 CONCLUSÃO

Com o estágio realizado na Clínica Veterinária ProntoVet nas áreas de clínica médica de pequenos animais e oftalmologia veterinária foi possível acrescentar e expor o conhecimento teórico e prático adquirido durante a graduação, incitando o pensamento crítico, desenvolvendo o relacionamento com o tutor e seu animal e melhorando as habilidades técnicas.

Sem dúvidas, o estágio obrigatório é imprescindível para a preparação do graduando de Medicina Veterinária ao mercado de trabalho. O período voltado exclusivamente a rotina clínica permite a fixação do conteúdo além de aumentar a confiança e a qualidade do futuro profissional.

REFERÊNCIAS

- ABINPET, Associação Brasileira da Indústria de Produtos para Animais de Estimação. Mercado. 2018. Disponível em: <http://abinpet.org.br/download/abinpet_folder_2018_d9.pdf>. Acesso em: 25 out. 2018.
- ARAÚJO, J. P. L. C. **Efeitos da terapia de laser de baixa intensidade após contusão muscular**. 2011. (Trabalho de Conclusão de Curso).
- BERMUDES, Pedro. **Tendências de mercado e perfil consumidor**. In: CONGRESSO DO COLÉGIO BRASILEIRO DE NUTRIÇÃO ANIMAL, 15., 2016, Campinas: CCBNA PET, 2016, p. 1-10.
- BUFFINGTON, C. A. T. Idiopathic cystitis in domestic cats: beyond the lower urinary tract. **Journal of Veterinary Internal Medicine**, Philadelphia, v. 25, n. 4, p. 784-796, July/Aug. 2011.
- CARNEIRO FILHO, L. **Manual de oftalmologia veterinária: um guia prático para clínicos veterinários**. São Paulo: Roca, 1997.
- CASTRO, M. C. N.; MARCELLO, G. C. G.; ALENCAR, N. X.; FERREIRA, A. M. R. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, v. 29, n.8, p. 605-609, ago., 2009.
- DEFANTE JUNIOR, A. **Ceratoconjuntivite seca em cães**. 2006. Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade Castelo Branco, Campo Grande (Dissertação de Mestrado).
- DUBIELZIG, R.R., KETRING, K., MCLELLAN, G.J. & ALBERT, D.M. (2010). **Veterinary ocular pathology: a comparative review**. Edinburgh: Saunders.
- FERNANDES, S. C.; COUTINHO, S. D. A. **Traqueobronquite infecciosa canina—revisão**. 2004.
- GORREL, C. **Odontologia em pequenos animais**. Elsevier Brasil, 2011.
- GUIM, T. N. **Determinação de fatores prognósticos para tumores mamários caninos**. 2011.
- JONES, T. C.; HUNT, R. D.; KING, N. W. **Patologia veterinária**. 6 ed. São Paulo: Manole, 2000. 1415p.
- LAZZAROTTO, J. J. Revisão de literatura relação entre aspectos nutricionais e obesidade em pequenos animais. **Revista da Universidade de Alfenas**, Alfenas, v. 5, p. 33-35, 1999.
- LENZI, R. R. Nina. **Atualidades em Giardíase na Medicina Veterinária: Revisão de Literatura**. 2013.
- MILLER, P. **Lacrimal system**, p. 157-174. In: MAGGS, J.; MILLER, P.; OFRI, R. 4th. ed. Missouri: Slater's Fundamentals of Veterinary Ophthalmology, 2008.

PETERSEN-JONES, S. M. Advances in the molecular understanding of canine retinal diseases. **Journal of Small Animal Practice**, v. 8, n. 46, p. 371-380, 2005.

POLZIN, D. J.; OSBORNE, C. A.; ROSS, C. A. **Chronic renal disease**, p. 1756-1785. In: ETTINGER, S. J.; FELDMAN, E. 6th. ed. Philadelphia: Textbook of Veterinary Internal Medicine, 2208p. 2005.

PLUMMER, C. E. Addressing brachycephalic ocular syndrome in the dog. **Practical techniques from the navc institute**. s/n, s/v, p. 20-25, 2015.

REVISTA VETERINÁRIA. A importância da oftalmologia em pequenos animais. nov., 2012. Disponível em: <<http://www.revistaveterinaria.com.br/2012/11/08/a-importancia-da-oftalmologia-em-pequenos-animais/>>. Acesso em: 25 out 2018.

ROCHA, F. P. C., D.; BENEDETTE, M. F.; SANTOS, D. A. N.; COSTA, E. A. A.; DIAS, L. G. G. G. Displasia coxofemoral em cães. **Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária**, v. 4, n. 11, p. 1-7, jul., 2008

ROMÃO, Felipe Gazza et al. Encefalite do cão Pug: relato de caso. **Veterinária e Zootecnia**, v. 17, n. 1, p. 37-42, 2012.

SANTOS, P. C. G.; ANGÉLICO, G. T. **Sertolioma-revisão de literatura**. 2004.

SILVA, T. M. F. **Catarata em cães**: Revisão de literatura. **PUBVET**, v. 4, p. 717-722, 2010. Disponível em: <<http://revistas.unipar.br/index.php/veterinaria/article/view/4489>>. Acesso em: 07 nov. 2018.

SOLOMON, S. E. B.; FARIAS, M. R.; PIMPÃO, C. T. Dermatite atópica canina: fisiopatologia e diagnóstico. **Ciência Animal**, v. 10, n. 1, p. 21-28, 2012.

STADES, F. C.; WYMAN, M.; BOEYE, M. H. **Ophthalmology for the veterinary practitioner**. 2nd. Hanover: Schütersche, 2007.

TRAVANCINHA, J. D. N. P. **Alterações comportamentais sugestivas de síndrome da disfunção cognitiva em cães geriátricos**. 2015. Universidade de Lisboa, Faculdade de Medicina Veterinária, Lisboa (Tese de Doutorado).

WEISSOVA, T.; NORSWORTHY, G. D. **Feline idiopathic cystitis**. In: NORSWORTHY, G. The feline patient. 4th. Iowa: Wiley-Blackwell, 2011. p. 176-178.

WILLIS, A. M.; WILKIE, D. A. Ocular oncology. **Clinical Techniques in Small Animal Practice**, v. 16, n. 1, p. 77-85, 2001.